

CULTURAS JUVENIS NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: diálogos com os educadores

Rita de Cássia Cardoso da Silva¹

RESUMO

Entender as juventudes hoje implica percorrer um caminho que passa pelo estudo das culturas juvenis, pois é através delas que a busca por identidade e pertencimento se manifesta na vida dos jovens. Diante destas culturas, questiona-se se a escola está preparada para lidar com essa diversidade de ser/estar jovens. O Programa Mais Educação, parece ampliar a presença dessas culturas nas escolas. As oficinas ministradas dentro do Programa traduzem uma participação mais efetiva dos jovens, pois os tempos e espaços são diferenciados do ensino regular, e sem a avaliação formal, percebe-se que os alunos estão motivados para as oficinas, principalmente para a prática de capoeira. É sobre esta temática que este artigo foi construído a fim de analisar as culturas juvenis e o Programa Mais Educação na Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, de Sapucaia do Sul. Foi realizado questionário com professores, que lecionam para jovens que participam do Programa Mais Educação. As perguntas do questionário contemplaram questões quanto ao andamento do Programa na escola, bem como o nível de conhecimento por parte dos professores para as oficinas ministradas. Nas respostas dos professores verificou-se que os jovens se organizam em espaços onde se identificam pelas suas culturas. Feixa (2006) destaca a importância de se pensar o território na análise dos grupos juvenis. Na escola, como veremos nas transcrições das falas dos professores, há evidências das culturas juvenis no Programa Mais Educação, pois o programa aproxima os jovens de práticas e vivências que estabelecem relações de sentido com o mundo da escola e o mundo fora da escola, como a capoeira, por exemplo, visivelmente mais citada no diálogo com os professores, pois além de ser ministrada no pátio, existe o fator sonoridade, corporeidade e provocação de sentidos, que estão diretamente ligados a uma cultura que se vê no território das cidades e não exclusivamente no contexto escolar. É algo significativo e prazeroso para o jovem, pois no momento em que ele se sente pertencente a um determinado grupo, passa a trabalhar no coletivo.

Palavras-chave: Juventude; Culturas Juvenis; Mais Educação.

¹ O artigo é resultado do Curso de Especialização em Educação Integral e Integrada na Escola Contemporânea, com financiamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar a ampliação das culturas juvenis dentro do espaço escolar a partir do Programa Mais Educação, com o objetivo de compreender os sentidos construídos no diálogo de professores. Para a pesquisa foi escolhida a Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, situada na cidade de Sapucaia do Sul. A Entrevista foi realizada através de questionário, com perguntas referentes ao Programa Mais Educação.

Na primeira parte do artigo, são apresentados alguns aspectos conceituais e históricos acerca da juventude, culturas juvenis, e o Programa Mais Educação. Logo depois, foram apontados anúncios recorrentes nos diálogos dos professores, a partir dos questionários, com o objetivo de compreender o que narram os professores diante das culturas juvenis, e se estas estão presentes no Programa Mais Educação, pois os eixos temáticos das oficinas do programa como: capoeira, dança e futsal, por exemplo, estão presentes na cultura dos jovens. Por fim, a conclusão mostrará a mudança que Programa Mais Educação provocou na visão dos professores, como reorganização de espaços, barulho e movimento, que nos remetem a uma nova realidade, sendo um atrativo para uma mudança de olhar, pois temos uma escola mais dinâmica, mais viva e ligada às culturas juvenis.

JUVENTUDES

Dados do Censo 2010 apontam para uma população jovem no Brasil de aproximadamente 52 milhões de brasileiros, com idade entre 15 e 29 anos, ou pouco mais de 25% da população do país. Atualmente, esta “onda jovem” se traduz em um fenômeno igualmente importante, denominado “bônus demográfico”, no qual o peso da população economicamente ativa supera o da população dependente – crianças e idosos. Portanto, esse bônus torna-se um ativo importantíssimo na economia e cultura do país, o que também poderá se traduzir em desafios para a luta política na garantia de direitos, segundo site de Políticas Públicas de Juventude - Secretaria Nacional da Juventude.

A aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 65, conhecida como a PEC da Juventude, foi aprovada em julho de 2010, após tramitar sete anos no Congresso Nacional. A Emenda inseriu o termo “jovem” no capítulo dos Direitos e

Garantias Fundamentais da Constituição Federal, assegurando ao segmento de direitos que já foram garantidos constitucionalmente às crianças, adolescente, idosos, indígenas e mulheres. E considera jovem a faixa de idade entre 15 a 29 anos.

Surgiu então depois da PEC nº 65 o projeto para o Estatuto da Juventude, o original tramitou no Congresso desde 2004 e foi aprovado na Câmara em 2011. Em 2013, Estatuto da Juventude (PLC 98/2011) foi aprovado pelo Senado Federal no dia (16/04/ 2013). Com 48 artigos, o Projeto de Lei prevê diversos direitos para a população brasileira entre 15 e 29 anos – cerca de 52 milhões de pessoas, segundo o último Censo do IBGE – como, novas conquistas nos direitos à educação, profissionalização, trabalho digno e renda, cultura, comunicação e saúde.

Verificou-se que esta compreensão ampliada da juventude se justifica pela diversidade de fenômenos sociais contemporâneos que incidem no alongamento da condição juvenil, em parte pela necessidade de estender o tempo de escolaridade e formação profissional, mas também pelas dificuldades de inserção da atual geração de jovens no mundo do trabalho e em outras dimensões da vida adulta.

O reconhecimento da diversidade juvenil, assim como a importância de políticas universais e específicas e a classificação de subgrupos etários foram se caracterizando como referência para a formulação de políticas de juventude em diferentes órgãos.

Já, a idade é um fator relativo e não dá conta para designar o que é ser jovem e entra como um elemento para fins de definição da escolarização obrigatória, na atribuição de idades mínimas para o início do trabalho profissional, na responsabilização penal, etc. Porém, as idades não têm definições universais, e como diz Carrano (2003) a própria noção de infância, juventude e vida adulta é resultante da história e varia segundo as formações humanas.

A noção de juventude é resultante da experiência social de determinado tempo histórico; entretanto, a maneira mais simples de uma sociedade definir o que é um jovem é estabelecer critérios para o situar numa determinada faixa de idade, na qual se circunscreve o grupo social da juventude. (CARRANO, 2003, p.108)

Não há um sentido único para entender a juventude, dizemos que as diferentes juventudes e a diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão a diferentes teorias. Segundo Pais (1990) as duas principais

correntes teóricas, são: a corrente geracional e a corrente classista. Ele define a corrente geracional tomando como ponto de partida a noção de juventude quando referida a uma fase de vida, e enfatiza o aspecto unitário da juventude. Para esta corrente, em qualquer sociedade há várias culturas (dominantes e dominadas), que se desenvolvem no quadro de um sistema dominante de valores. Já para ele, na corrente classista, a reprodução social é fundamentalmente vista em termos da reprodução das classes sociais. Por esta razão, os trabalhos desenvolvidos na linha desta corrente são, em geral, críticos em relação ao conceito mais vulgar de juventude, isto é, quando aparece associada a uma fase de vida e acabam mesmo por serem críticos em relação a qualquer conceito de juventude, já que, mesmo entendida como categoria, acabaria por ser dominada por relações de classe.

Para Pais (1990) torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais cotidianos, porque é no decorrer das suas interações que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação.

CULTURAS JUVENIS

As culturas juvenis, segundo Feixa (2006) se referem à maneira como as experiências sociais de jovens são expressas coletivamente. Seriam aqueles jovens aglutinados em microssociedades, como: tribo, galera, agregações, com estilos diferenciados, surgido nas cidades metropolitanas, que, corporificadas pela classe, etnia, território e estética, são criados e recriados pelos meios de comunicação. Feixa (2006) também evidencia a importância de se pensar o território na análise dos grupos juvenis, pois ainda que este possa coincidir com outras noções, como as de classe e etnia, é preciso considerá-lo de maneira específica, e demonstra como as culturas juvenis têm sido um fenômeno essencialmente urbano, nascendo nas grandes cidades dos países ocidentais. Assim, a ação dos jovens pode redescobrir territórios urbanos esquecidos ou marginais, dotando-os de novos significados, humanizando praças e ruas, dando-lhes usos imprevistos.

Através das festas, das rotas de ócio, mas também através do grafite e de outras manifestações, diversas gerações de jovens têm recuperado espaços públicos que tinham se tornando invisíveis, questionando os discursos

dominantes sobre a cidade. Na escola local, a emergência de culturas juvenis pode responder a identidades de bairro, à dialéticas de centro-periferia, que é preciso desentranhar. Por um lado, as culturas juvenis se adaptam ao seu contexto ecológico (estabelecendo-se uma simbiose às vezes insólita entre estilo e meio). (FEIXA, 2006, p. 117)

Diversas manifestações culturais presentes na cidade e com baixa visibilidade no espaço escolar têm os jovens como atores principais. Os jovens criam espaços próprios de socialização que se transformam em territórios culturalmente expressivos e nos quais diferentes identidades são formadas. A cultura se manifesta como espaço social privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais. A produção das identidades, além de demarcar territórios de sociabilidades e de práticas coletivas, põe em jogo interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao ser dos grupos. Nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles transformar esses mesmos ambientes a partir de suas práticas específicas.

Ao mesmo tempo em que a cidade interfere nas manifestações culturais urbanas, os diversos grupos sociais, ao incorporar os traços significativos dessas manifestações, interagem, interpretam, recriam à sua maneira e voltam a influenciar a cidade através da multiplicidade de novos olhares. A cultura popular urbana pode, então, ser vista como a síntese instável desse movimento incessante entre a cidade, o urbano e os grupos sociais, onde cada um se reconhece como sujeito ora como objeto de transformação sociocultural. É o movimento marcado pela diversidade de culturas que expressam os muitos grupos que compõem a sociedade.

Nesse contexto, compreendemos a cultura como um conjunto de contribuições, trocas simbólicas e resistências ativas em que cada grupo se faz presente. Para Pais (1990) a discussão a respeito das culturas juvenis passa, necessariamente, pela diversidade das culturas próprias desse segmento social. Essa variedade caracteriza-se não só pelas expressões específicas de cada grupo, mas também através dos diferentes olhares que traduzem distintas formas de dizer tais culturas. Além disso, existe o fato de que as mesmas se afirmam na necessidade de contraporem-se à existência de culturas não juvenis que parecem querer interditar os espaços de expressão para os jovens. Geralmente essas são as culturas instituídas ou preservadas por instituições de poder.

Os diferentes valores aparecidos como consequência das transformações estruturais nas relações sociais contemporâneas parecem entrar em embate com os

valores tradicionalmente espalhados por instituições da sociedade, em especial a família e a escola. Estas, não se dão conta que as perspectivas dos jovens com relação à vida e ao futuro não são mais as mesmas que aqueles que os seus principais representantes, como os pais e professores.

Torna-se necessário, levar em conta diferentes formas de oferecer aos jovens as possibilidades de compartilhar contextos que dialoguem com suas expectativas e interesses, como as culturas juvenis que se expressam por meio da música, do cinema, do teatro e das artes em geral, sendo que a mídia manipula, como a indústria da cultura que tenta transformar estas expressões em produtos prontos para o consumo. Ao lado da cultura industrial de massa, a juventude expressa cada vez mais sua cultura por suas vivências cotidianas como por exemplos a capoeira, os grupos de hip hop, rock, rodas de samba, grafite e as ferramentas audiovisuais que aproveitam as tecnologias de informação e comunicação, como o Youtube, Orkut, diferentes blogs, Facebook, entre outros. Por outro lado, as culturas juvenis criam um território próprio, apropriando-se de determinados espaços urbanos que distinguem com suas marcas: a esquina, a rua, a parede, o local de baile, a discoteca, o centro urbano, as zonas de lazer, etc (FEIXA, 2006).

Por isto, as culturas juvenis necessitam se fazer presentes no currículo das escolas contemporâneas, pois não há como ignorá-las na cultura escolar, é preciso um elo para unir a vida ao mundo da escola. A instituição escolar e seus professores podem abrir caminhos ao entendimento das culturas juvenis, estando atentos e disponíveis para reconhecerem que as culturas juvenis não se encontram subordinadas às relações de dominação ou resistência impostas pelas culturas das gerações mais velhas e podem auxiliar na construção de projetos pedagógicos e processos culturais que aproximem professores e alunos. Através da elaboração de linguagens em comum, a escola pode tornar-se atrativa aos jovens, bem como despertar o prazer deles estarem em um lugar que podem chamar de seu na medida em que são reconhecidos como sujeitos produtores de cultura.

O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

O Programa Mais Educação instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e pelo Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal

para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral. O público alvo deste Programa são crianças, adolescentes e jovens da rede pública do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), prioritariamente, alunos em vulnerabilidade social e escolas com baixo IDEB.

O Programa Mais Educação vem sendo desenvolvido no RS na rede estadual desde 2008. Em 2008, 49 escolas aderiram, sendo que no decorrer deste processo ocorreu um crescimento de escolas participando do Programa Mais Educação e em 2012 aderiram 1031 escolas.

Os recursos investidos do Governo Federal, referentes adesão 2012 em nosso Estado, foram o total R\$ 44.097.447,87 este recurso é enviado diretamente às escolas que realizaram adesão, com o valor de acordo com as atividades que cadastraram no Sistema Integrado de Monitoramento e Controle, de acordo com a Resolução/CD/FNDE nº 21, de 22 de junho de 2012 dispõe sobre os procedimentos de adesão habilitação, formas de execução e prestação de contas do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola).

A contrapartida do Governo do Estado são recursos humanos: um professor por escola para a Coordenação Pedagógica do Programa, assessores nas Coordenadorias Regionais de Educação e na Secretaria de Estado da Educação responsáveis pela Formação Pedagógica, Operacional e Administrativa.

A Secretaria disponibilizou recursos humanos para o atendimento da alimentação escolar, bem como foram aplicados recursos para obras emergenciais (recuperação de rede elétrica, hidráulica, quadra de esporte, etc).

Com recursos próprios, o Estado desenvolve o Projeto Escola de Tempo Integral em 29 escolas da rede estadual de acordo com a Ordem de Serviço 5/2004, Decreto 43.260/2004, onde as atividades complementares são desenvolvidas pelos professores vinculados à mantenedora, os critérios para seleção das unidades escolares são: Escolas com estrutura física de CIEP ou CAIC; baixo IDEB; alto índice de evasão escolar e repetência; defasagem idade/série; vulnerabilidade social; escolas com mais de 50% de estudantes no Programa Bolsa família.

Em se tratando da rede municipal, mais especificamente Sapucaia do Sul, é importante destacar que as escolas municipais participantes do Programa Mais Educação atendem em média 100 a 150 alunos, que permanecem na escola no mínimo 3 horas a mais por dia, recebendo alimentação e participando de oficinas pedagógicas, esportivas e culturais. Vejamos tabela abaixo*

ANO	ALUNOS	% alunos
2009 ²	1150	13%
2010 ³	2500	28%
2011	2500	28%
2012 ⁴	2700	31%
	8850	100%

² Em 2009 o município de Sapucaia do Sul inicia com oito escolas, que já haviam sido indicadas pelo MEC em 2007, mas o governo na época não aderiu, somente em 2009 foi feita a adesão e o programa iniciou em agosto deste ano. São elas: Alberto Santos Dumont, João Freitas Filho, Getúlio Vargas, Otaviano Silveira, Júlio Stroher, Padre Réus, Walmir Martins, Aurialícia Chaxim.

³ Em 2010 o município atendeu dezoito escolas: Tiradentes, Rosane Amaral, Afonso Guerreiro Lima, Alfredo Juliano, Francisco Greiss, Primo Vaccì, Lourdes Fontoura da Silva, Maria da Glória, João de Barro, Marechal Bittencourt.

⁴ Em 2012 além das escolas dezoito escolas citadas foi acrescentada ao programa a escola Júlio Casado, tendo um total de dezenove escolas atendidas neste ano.

* Fonte Secretaria de Educação de Sapucaia do Sul

ANO	VALORES	% VALORES
2009	R\$ 220.000,00	10%
2010	R\$ 630.000,00	28%
2011	R\$ 650.000,00	29%
2012	R\$ 750.000,00	33%

	R\$ 2.250.000,0 0	100%
--	--	-------------

Na EMEF Afonso Guerreiro Lima, o programa mais educação iniciou em agosto de dois mil e dez, e como critério para adesão foi à participação no ano anterior ao PDE (Plano de Desenvolvimento para a Escola). A escola recebeu esta verba do Governo Federal, porque estava com baixo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da última avaliação. O Programa contou no início com seis oficinas, sendo estas: capoeira, futsal, teatro, banda fanfarra, letramento e recreação/lazer atendendo aproximadamente cento e vinte alunos de 3º ano a 8ª série. No ano seguinte foram oferecidas seis oficinas, sendo estas: prevenção e promoção de saúde, teatro, capoeira, hip hop, matemática e letramento atendendo aproximadamente 100 alunos de 3º ano a 8ª série. Já dois mil e doze, foram oferecidas seis oficinas, sendo estas: letramento, futsal, dança, capoeira, matemática e recreação/lazer atendendo aproximadamente cem alunos de 3º ano a 8ª série. Em dois mil e treze, ocorreram algumas alterações por parte do Ministério da Educação referente ao Programa Mais Educação e são oferecidas cinco oficinas, sendo estas: capoeira, artesanato, atletismo e múltiplas vivências esportivas, orientação de estudos e leitura, recreação e lazer/brinquedoteca atendendo aproximadamente cem alunos de 3º ano a 8ª série.

Atualmente, para o Programa Mais Educação deixar de ser programa e se tornar uma política pública efetiva de educação integral é preciso mais investimentos para a educação brasileira, como um PIB (produto interno bruto) de no mínimo 10%. Hoje a atual taxa de investimentos do governo para a educação é de 6,1%. O caminho ainda é longo e a educação integral em jornada ampliada no Brasil é uma política pública em construção e um grande desafio para gestores educacionais, professores e comunidades que, ao mesmo tempo, amplia o direito à educação básica e colabora para reinventar a escola.

DIÁLOGO COM OS EDUCADORES

O diálogo foi construído através de questionário aplicado com os professores que lecionam para alunos jovens que participam do Programa Mais Educação. Foram realizadas dez perguntas referentes ao Programa, e a partir das respostas foram apontados anúncios recorrentes nas falas.

O objetivo do questionário é perceber a presença das culturas juvenis na escola, a partir do Programa Mais Educação, pois sabemos que os eixos temáticos como: capoeira, dança, futsal, por exemplo, estão presentes na cultura dos jovens. Os professores responderam uma série de perguntas e destas foi retirado excertos percebidos através de anúncios.

Na escrita dos educadores perceberam-se os seguintes anúncios:

1) O Mais Educação na escola:

A escola teve que se adaptar a essa nova realidade. O espaço físico reduzido, e a agitação das atividades propostas causaram um certo descontentamento em alguns educadores. Estamos aprendendo a partilhar espaços. (Professor 1)

Acredito que o programa provoca mudanças em sala de aula. E positivas, já que o educando passa a ter uma outra visão e outro entendimento da escola e do que é aprendido. (Professora 2)

Acredito que o programa tem bons e grandiosos objetivos, porém o barulho e a agitação no espaço escolar acaba por tirar a concentração de quem está dentro da sala de aula. Em certos momentos, em certas tarefas, é necessário que aja extrema concentração. Caso contrário, não ocorre a compreensão do que se está trabalhando. Em algumas atividades, o barulho está presente em minha prática docente, mas não o tempo todo. (Professora de 2)

Realmente o barulho é diário, quando se tem aula de capoeira, por falta de um ginásio, espaço propício para certas atividades, porém os próprios alunos que estão em aula compreendem isso e "aceitam" a ideia. Outra hora, é a do meio dia, seria descanso dos professores com 40h na escola, mas não ocorre. (Professora 3)

O programa está mais organizado e os alunos estão mais tranquilos e disciplinados. (Professora 4)

Acredito que as brigas/ confusões na escola diminuíram - aumento do barulho - mais envolvimento com o Mais Educação - mais distração-adequação do espaço para contemplar a escola. (Professora 5)

Acho válido, mas acredito que se tivéssemos mais espaço físico haveria um melhor engajamento por parte de todos na escola (Professora 5)

Sim, a turma este ano tem uma sala para desenvolver as atividades. (Professora 4)

Sim, mais movimento de crianças (alunos) e atividades variadas. (Professora 6)

É visível através das falas dos professores a mudança ocorrida na escola a partir do Programa Mais Educação, pois houve toda uma adaptação, tanto com relação a questões estruturais como aspectos físicos e educacionais.

A escola tem se configurado como espaço de encontro, conversa, diversão e sociabilidade, sendo muitas vezes o “único” lugar possível para expressividade de si, nas quais a presença e o olhar do outro se tornam fundamentais. (GARBIN, 2009, p.11)

O desacomodar se tornou presente no cotidiano dos professores, pois precisam lidar com mais movimentação, barulho e adaptação de espaços escolares. Como os jovens que participam do programa passam a maior parte do tempo na escola, aprendem a conviver em grupos e isto melhorou significativamente a questão da violência na escola, pois há um sentimento de pertencimento.

2) As oficinas do Programa mais Educação:

Sou suspeita em falar, pois acredito que é necessário enriquecer a cultura de cada cidadão. Quanto ao letramento, o indivíduo pode ser letrado em um contexto ou em outro, portanto, eu, como “prof.” de Português, preciso, necessito que o letramento seja muito mais trabalhado; que a pessoa oficineira tenha conhecimento disso e trabalhe com nossos alunos, motivando-os e estimulando-os a serem leitores e interlocutores ativos. (Professora 3)

A capoeira é uma arte e, quando bem usada, traz benefícios à saúde do corpo e da mente. A capoeira tem a ver com a cultura, é a continuação de nossas raízes. Os jovens passam a valorizar bem mais a nossa história. (Professora 2)

Percebo que é uma oficina que trabalha a autoestima dos alunos. Sentem-se orgulhosos de terem essa prática no dia a dia. Sem contar que estimulam aspectos corporais. (Professora 3)

A capoeira atrai mais os alunos, pois o professor é bem dedicado e interage com eles. (Professora 5)

Acho ótimo, pois os alunos aprendem a exercitar o corpo e a mente e também a ter noção de espaço. (Professora 4)

Várias atividades e assuntos podem ser aprofundados. A abordagem pode ser diferente, mas o objetivo é o mesmo, munir o aluno com o maior conhecimento possível de várias áreas, (prática teórica...) adequada a sua realidade vivencial. (Professor 1)

Nas demais disciplinas não tenho que opinar, mas nas oficinas de capoeira vejo muito envolvimento e a disciplina do aluno melhorou significativamente. (Professora 5)

Respeito ao próximo, trabalho em equipe, criatividade, expressão oral, expressão corporal, limites. (Professora 5)

Todas tem sua importância. Mas alguns professores conseguem melhores resultados, é o caso da capoeira. (Professor 7)

Nas citações acima percebemos características inerentes à juventude, porém a corporeidade aparece como elemento mais significativo para a entrada das culturas juvenis na escola. Visivelmente a capoeira foi a mais citada e reconhecida

pelos professores. O fator sonoridade, corporeidade e provocação de sentidos, estão diretamente ligados a uma cultura que se vê no território das cidades e não exclusivamente no contexto escolar.

[...] torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais, quotidianos- porque é quotidianamente, isto é, no curso de suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação. (PAIS, 1990, p.164)

Desta maneira estabelece-se um elo de aproximação de alunos com a escola e de interação entre jovens x jovens x professores, pois a capoeira está presente no cotidiano de muitos jovens, bem como nos momentos de lazer e convívio social, e quando ministrada na escola não se restringe unicamente a conhecimentos pedagógicos descontextualizados com a vida fora da escola, fazendo com que o jovem se reconheça dentro do espaço escolar.

3) Os jovens que participam do Programa:

Sim, os alunos se tornaram mais sociáveis, mais educados. Dentro da escola cuidam mais dos objetos. Estão mais atentos em sala de aula. (Professor 7)

Percebo essa aproximação nas oficinas de futsal e capoeira, pois estão mais relacionadas ao cotidiano de nossos alunos, porque são mais vivenciadas pela mídia o que acaba aproximando-as cada vez mais das culturas juvenis. (Professora 5)

O que mais se ouve falar, da parte dos alunos, é (são) a(s) experiência(s) que têm na oficina de capoeira. Em seus depoimentos, transparece orgulho, alegria, motivação e satisfação. (Professora 3)

Sim, há menos brigas e/ou confusões nos intervalos. (Professor 8)

Como já havia dito, no início, sim... Estavam mais centrados, agora...não muito, parece que os alunos voltaram a ficar dispersos em certos momentos. (Professora 3)

Capoeira, dança e futsal são sinônimos de alegria e vida! Lembram movimento e atitude! E tudo isso lembra a juventude! Os jovens querem ter autonomia, querem "vida" em tudo o que fazem... são ações que de maneira direta e indireta, estimulam a união a auto-confiança, a coordenação corporal, provoca os sentidos. E tudo isso, sendo bem trabalhados na infância e na adolescência, resultam em adultos mais confiantes e seguros de si. (Professora 3)

Sim, porque estas oficinas ajudam a melhorar o relacionamento entre eles, diminuindo brigas e atritos. Aprendem a conviver, respeitando as diferenças culturais que trazem do seu convívio familiar. (Professora 9)

Sim, Frequentemente ouvimos seus relatos de algumas vivências corporais na capoeira, na dança, de algum modelo de artesanato para enfeitar a casa ou homenagear os familiares. (Professor 1)

Sim, são mais educados mais adaptados as regras da escola. (Professor 7)

Analisando as citações acima verificamos na fala dos professores o sentimento de pertencimento do aluno, pois se me sinto parte integrante, do processo de aprendizagem e há esta aproximação, logo começo a enxergar com novos olhares o espaço da escola valorizando o meio em que estou inserindo. Segundo Feixa (2002) as culturas juvenis se referem à maneira como as experiências sociais de jovens são expressas coletivamente. Diante da socialização, o espaço escolar se torna expressivo culturalmente para os jovens.

CONCLUSÃO

Com base em autores como Feixa e Pais vimos que há juventudes e não juventude, isto é, são múltiplas, pois as culturas juvenis são configuradas pela maneira pela qual as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos.

Nas respostas dos professores que atuam com jovens participantes do Programa Mais Educação na EMEF Afonso Guerreiro Lima foi possível analisar o quanto o programa “mexeu” com a rotina do ambiente escolar, tanto no que se refere à estrutura, quanto aspecto humano, como o aumento de barulho e agitação na escola. Quando nos reportamos ao início do Programa em dois mil e dez houve certo estranhamento por parte dos educadores, pois a diferença com as aulas regulares era nítida, pois no Programa não há o compromisso com notas ou conteúdos, e a abordagem das oficinas acontecem por eixos temáticos. O tempo e espaço de cada oficina são definidos pelo oficinairo, que tem autonomia para montar sua oficina, sendo esta dentro ou fora do espaço escolar. Porém, no decorrer do Programa os professores já estavam mais adaptados às mudanças como barulho, reorganização de espaços e agitação, e evidenciam em suas falas conforme citado acima uma melhora no comportamento dos alunos, diminuição da violência no espaço escolar e a integração entre os alunos, percebendo assim os aspectos positivos e os benefícios que o programa traz para os jovens em suas vidas. Verificou-se um sentimento de pertencimento, não só pela ampliação de carga horária, mas sim, pelas oficinas que se aproximam do cotidiano que os jovens estão inseridos fora da escola. O reflexo, são jovens mais sociáveis e envolvidos no processo de aprendizagem.

A oficina de maior destaque foi a capoeira, pois fator sonoridade, corporeidade e provocação de sentidos, estão diretamente ligados a uma cultura que se vê no território das cidades e não exclusivamente no contexto escolar, e isto aproxima a escola das culturas juvenis.

Portanto compreender que não existe uma única juventude, mas sim que os jovens têm estilos de vida diferenciados em cada contexto da sociedade é fundamental para rompermos com o estigma de que a juventude é uma fase de rebeldia. Com o Programa Mais Educação percebe-se através das oficinas a inserção das culturas juvenis, como consequência, o maior envolvimento dos alunos nas oficinas, menos violência e mais autonomia. Então, começar a enxergar possibilidades nos jovens e desenvolver uma cultura de confiança entre professor e aluno, proporcionará um clima de respeito e parceria, e quando o professor deixa-se aproximar do mundo do aluno, as emoções e o sentimento de igualdade desperta motivação para o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL.**Programa Mais Educação**. Brasília: Ministério da Educação (MEC). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16690&Itemid=1115. Acesso em: 05 jun 2013.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2003.

CORTI, Ana Paula. **O encontro das Culturas Juvenis com a escola**. São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2001.

EDUCAÇÃO INTEGRAL: Texto referência para o debate nacional. Brasília: MEC/ Secad, 2009.

GARBIN, Elisabete Maria. **Diferentes de alguns, iguais a outros! As culturas juvenis invadem a escola**. In: CAVALCANTE, Marcia H. Koboldt; SOUZA, Rui Antonio de (Orgs). *Culturas Juvenis dinamizando a escola*. Porto Alegre: Edupucrs, 2009, p.11-18.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus- antropologia de la juventude**. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

_____. **De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud**. Barcelona: Editorial Ariel, 2006.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos**. Revista Análises Sociológicas, v. 25, p. 105-106, 1990.

_____. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

JUVENTUDE. Políticas Públicas de. **Secretaria Nacional da Juventude**. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/documentos/cartilha-politicas-publicas>. Acesso em: 05 jun 2013.